

Escritura na convergência de mídias: uma nova experiência estética

Karla Rosane do Amaral Demoly

*Universidade Federal Rural do Semi-Árido, UFRSA
Mossoró, RN, Brasil*

Cleci Maraschin

Margarete Axt

*Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS
Porto Alegre, RS, Brasil*

RESUMO

Neste artigo procuramos analisar como se produz a articulação de linguagens nos processos de composição escrita na internet a partir de uma experiência com professores com condições perceptivas diferenciadas. Partimos da hipótese de que as mudanças nas coordenações de ações em atos de escritura digital, ao envolver um trabalho de manipulação e edição de diferentes mídias – imagens, sons, textos e a Língua de Sinais – faz com que surja uma nova experiência de escritura, implicando em mudanças cognitivas, afetivas e estéticas. As novas coordenações de ações envolvidas na escritura digital apontam para a força e presença de imagens, para uma conjunção entre texto-imagem-som e línguas, o que leva a repensar nossa relação com a escritura.

Palavras-chave: escritura; convergência de mídias; cognição.

ABSTRACT

Writing in the media convergence: a new aesthetic experience

In this article we seek to analyze how the articulation of languages is produced in written composition processes on the internet, based on an experience with teachers with different perceptive conditions. It is based on the hypothesis that diverse acts of coordination in the digital writing, by the involvement of a work of editing and different media – image, sounds, texts and sign-language – produces a new experience in writing, thus implying cognitive, affective and aesthetic changes. The new coordination actions involved in digital writing, points to the strength and presence of images towards a conjunction between text-image-sound and languages which leads us to rethink our relations with the writing process.

Keywords: writing; media convergence; cognition.

RESUMEN

Escritura en la convergencia de medios: una nueva experiencia estética

En este artículo buscamos analizar como se produce la articulación de lenguajes en los procesos de composición escrita en la internet a partir de una experiencia con profesores con condiciones perceptivas distintas. Partimos de la hipótesis de que los cambios en las coordinaciones de acciones en actos de escritura digital, al envolver un trabajo de manipulación y de edición de diferentes medios – imágenes, sonidos, textos y Lenguaje de Signos hace que aparezca una nueva experiencia de escritura, generando cambios cognitivos, afectivos y estéticos. Las nuevas coordinaciones de acciones relacionadas a la escritura digital indican la fuerza y presencia de imágenes y la conjunción entre texto-imagen-sonido y lenguas, lo que lleva a repensar nuestra relación con la escritura.

Palabras clave: escritura; convergencia de medios; cognición.

INTRODUÇÃO

O advento das tecnologias digitais e da internet disponibilizam ferramentas que ampliam tanto o sentido como as práticas da escrita. Podemos contar

com interfaces e programas informáticos específicos que favorecem a edição de documentos que mesclam os caracteres escritos com imagens – estáticas e em movimento – e sons. Além da convergência de mídias, existe uma “convergência de pessoas”

(Demoly e Maraschin, 2007). Ferramentas interativas, disponibilizadas online possibilitam atos de escrita coletivos, mesmo com participantes distantes geograficamente. Podemos apontar ainda uma “convergência de funções”. Na internet, um escritor pode se tornar também um editor.

Outra convergência é aquela entre escritores e leitores. Existem possibilidades de incremento da interatividade entre ambos, através de dispositivos que possibilitam o envio de comentários, discussões. Poderíamos certamente seguir apontando outras convergências e deslocamentos, mas nosso interesse é discutir os deslocamentos na escritura que observamos em uma experiência circunscrita que envolve um grupo de professoras.

OS DESLOCAMENTOS NA ESCRITURA DAS PROFESSORAS INDICAM UM CAMINHO PARA ESTE ESTUDO

A experiência surge de dentro de um trabalho de formação com um grupo de professoras que, desde o ano de 2002, reúne-se para estudar temas relacionados ao trabalho na sala de aula em uma atividade de extensão universitária coordenada por uma das autoras deste artigo. Após dois anos de estudos, as professoras se decidiram pela escritura de um hiperdocumento para dar visibilidade ao trabalho que realizam. Um hiperdocumento amplia as possibilidades da escrita porque passa a considerar a presença de imagens, sons e outras mídias na configuração do hipertexto. Durante a produção, elas sentiram necessidade de contar com um ambiente na internet de apoio ao trabalho para que pudessem interagir e trocar materiais, o “TelEduc” (Nied, 2005).

Dentre estas sete professoras, quatro trabalham como alfabetizadoras na Língua Portuguesa em escolas públicas: Claudenir, Sandra D., Inês e Sandra B.¹ Outras três trabalham com o ensino de crianças ou de adolescentes Cegos ou Surdos.²

Carlise é Cega, o que a levou a utilizar enquanto estudante o sistema de escrita Braille mediante diferentes materiais: reglete, punção e máquina de escrever mecânica Braille. Sua participação nesta escritura com as demais professoras suscita a busca de outros dispositivos tecnológicos. Carlise passa a utilizar programas informáticos que criam as condições para a escritura e a leitura – o Jaws e o Virtual Vision 5.0. Estes são programas que realizam a conversão do texto em som. Esta professora assumia no ano de 2004 um trabalho como alfabetizadora de crianças cegas.

Duas educadoras, uma Surda e a outra intérprete da Língua Brasileira de Sinais – LS escrevem com caracteres alfabéticos e conversam em Língua de

Sinais. Angelisa é professora em uma escola para crianças surdas e Manoelisa é intérprete da LS na universidade e graduada em Informática. Dois espaços de escritura se organizam neste estudo: a produção do hiperdocumento e as “conversações escritas” (Anis e Zara, 2005) que as professoras passam a produzir em um ambiente informático de trocas e organização dos materiais.

Realizamos um trabalho que foi o de observar as perturbações que surgem nas perguntas que as professoras se fazem durante o percurso de produção e para onde estas perguntas apontam, quando elas tecem seus comentários e procuram responder perguntas feitas pelas colegas nas redes de conversações escritas.

Através das perturbações vividas pelas professoras fazendo a escritura digital, identificamos os deslocamentos, a cognição em ação. Francisco Varela (2000, p. 447) esclarece que as perturbações são indicativas de processos que envolvem uma “cognição corporificada”.

Para o autor, a principal operação de uma mente (aqui referida a qualquer fenômeno relacionado com a mentalidade, com a cognição, com a experiência) não é tanto encontrar soluções para os problemas, mas antes constituir problemas válidos às redes de conversação nas quais nos encontramos acoplados.

As perguntas e comentários escritos que as professoras produzem apontam para mudanças nos modos de escrever. Elas referem-se em vários momentos à força e interferência de imagens no processo de composição escrita. Para a professora cega, a presença do som é condição para seguir escrevendo; as imagens surgem de outro modo em sua experiência, como discutiremos mais adiante.

Nossa hipótese é que a escritura se transforma quando se produz no acoplamento com as novas tecnologias porque se alteram as coordenações de ações entre as professoras engajadas na produção. A escritura digital propõe uma rearticulação de diferentes modos de estarmos na linguagem e, nesta experiência, adquire novos contornos, pois engloba, além de tecnologias informáticas, a possibilidade de fazer convergir pessoas que se utilizam não apenas do sistema alfabético de escritura para escrever e de línguas orais para conversar.

A presença de uma professora Cega e de uma professora Surda faz com que entrem na cena da escritura uma Língua “viso-gestual” (Garcia, 2005) – de Sinais – e um sistema de escritura que reconhece a lógica do sistema alfabético, mas que funciona a partir de combinações diferentes de pontos em relevo – o Braille, além de ferramentas informacionais específicas que favorecem o conhecer destas pessoas.

A presença de imagens e de sons na produção desencadeia novas experiências cognitivas e estéticas, experiências estas referidas de modo recorrente pelas professoras sendo, portanto, indicativas de deslocamentos nos modos de composição escrita.

MODOS DE COORDENAR AÇÕES EM PRÁTICAS DE ESCRITURA

Atualmente podemos dizer que a escritura é um dos modos de estarmos em redes conversacionais que nos constituem como seres humanos. Entretanto, o escrever nem sempre tomou este lugar de destaque em nossa história de estudos sobre o humano em seus processos de conhecer-viver.

Tivemos um longo período em que a escritura era concebida como ‘transcrição de falas’, ‘notação’, ‘espelho’, ação que contamina a fala “pura”. Este modo de pensar logocêntrico foi bastante questionado por pesquisadores como Jacques Derrida (1973) e Jack Goody (1979), dentre outros. Derrida interroga-se sobre um conceito ocidental de linguagem que vai se constituindo na confluência de trabalhos em que a escritura surge como suplemento da fala. Ao longo de seu trabalho, esclarece sobre a necessidade de estudarmos a ‘escritura’ como um ato de linguagem, não totalmente ligado aos sons da fala, mas como outra produção.

A escritura configura um dos modos de estabelecermos redes conversacionais, como um modo particular de linguajar e de criar os mundos em que vivemos. A expressão “linguajar” nós tomamos emprestada de Humberto Maturana (2001) significando coordenar coordenações de fazeres no fluir espontâneo do conviver.

Escritura é uma expressão que se origina do latim: “scriptura”. Osvald Ducrot e Tzvetan Todorov (2001, p. 185) definem escritura, no sentido amplo, como “todo o sistema semiótico visual e espacial, incluindo a mitografia (espécie de mensagens cifradas, originadas em formas culturais particulares de relação simbólica, utilizando objetos ou pictogramas); no sentido estrito, a escritura remete a todo sistema gráfico de notação da linguagem”.

O sentido que atribuímos aqui é este em que, ao referir *escritura*, estamos tratando de um fazer, de uma ação que podemos compreender melhor se consideramos as tecnologias que vão reconfigurando os modos de fazer.

A noção de “atos de escritura” é proposta por Fraenkel (2007) inspirada na obra de Austin. Esclarece a autora que Austin e seu sucessor Searle entendem a linguagem como forma de ação (todo dizer é um fazer) em seus estudos onde observavam e teorizavam

sobre a forma como os homens praticam diferentes ações através da linguagem. A respeito do conceito de *ação*, Maturana (2001) esclarece que se trata de tudo o que fazemos em qualquer domínio operacional que geramos em nosso discurso. Assim, “pensar é agir no domínio do pensar, andar é agir no domínio do andar, refletir é agir no domínio do refletir, falar é agir no domínio do falar, (...) e explicar cientificamente é agir no domínio do explicar científico”. (Maturana, 2001, p. 128-129). No presente trabalho, utilizamos a expressão atos de escritura no sentido de uma ação prática, em que as professoras, ao coordenarem ações de escrituras entre si, agem no domínio do escrever.

Gilbert Simondon é um filósofo que situa que os objetos técnicos integram-se ao mundo humano que eles prolongam. Traz-nos a noção de uma “tecnoestética”, ao explicar que “(...) uma ferramenta pode ser bela na ação, logo que ela se adapta bem ao corpo que ela parece prolongar de maneira natural e amplificar de alguma maneira seus caracteres estruturais (...). (Simondon, 1989, p. 186 – tradução nossa)”.³ Podemos dizer que neste trabalho temos uma *tecnoescritura*, uma experiência em que professores se acoplam a tecnologias que transformam os modos de escrever.

Para colocar em discussão esta verdadeira rede de conversações escritas tecida pelas professoras em que há uma ênfase na relação entre imagens, sons e textos na prática da escritura é fundamental explicitar o que são texto, imagem e som como modos diferentes de estarmos na linguagem, quando os produzimos e os interconectamos em uma escritura.

Para Saussure (1980), a dimensão comum entre palavra e escritura diz respeito à lingüística e a relação entre escritura e imagem diz respeito à semiologia. O autor compreende a escritura como representação da língua, posição questionada por alguns autores que nos acompanham na análise que fazemos de práticas de escritura coletivas digitais e que repensam a escritura em suas múltiplas relações com outros modos de estarmos na linguagem (Derrida, 1973, 2001); com a história das práticas de leitura (Chartier, 1998); como modo de ação em uma sociedade (Fraenkel, 2001; Petrucci, 1993) e como tecnologia cognitiva (Lehoy-Gourhan, 1964; Goody, 1979, 2007; Lévy, 1998 e Maraschin, 1995).

Sabemos que o texto é também uma imagem se considerarmos aspectos como a escolha dos tipos de caracteres, a disposição das inscrições escritas na tela dos computadores e páginas, a possibilidade de ampliar, colorir, transformar partes do texto; entretanto, o que é fundamental em nosso trabalho é pensarmos sobre a onipresença de imagens e de sons no processo de escritura digital como elementos potencializadores do engajamento nas ações de escritura. Neste caso,

a abertura de conexões a partir dos elementos dados nas escrituras (lexicais, imagético-pictográficos, sonoros), rompendo com a linearidade textual (verbal, imagética...) pode ser considerada na perspectiva de novas experiências nos modos de escrever que supõem coordenação de ações, em especial, um operar com descontinuidades. Ao mesmo tempo, um link não deixa de ser, em última instância uma marca (visual/imagética/pictórica ou sonora) no texto em que ela se produz.

A escritura nos computadores amplia as possibilidades de trabalho com tipos de caracteres e esta possibilidade de escolher, selecionar, ampliar, colorir letras e textos torna o fazer a escritura um processo, uma possibilidade de experimentar criando formas. O texto é refeito a todo o momento em um processo que considera tanto as palavras como a forma como elas se tornam visíveis aspectos essenciais, capazes de provocar diferentes olhares, leituras e emoções.

A escrita no meio cibernético coloca questões que nos levam a repensar a relação fala e escrita e a relação entre texto, imagens, ícones, sons, línguas e outros elementos de uma escritura coletiva. Podemos considerar a presença de modos mistos e heterogêneos de invenção de escrita.

IMAGENS E SONS RECONFIGURAM A ESCRITA E A TORNAM DINÂMICA

Nesta escritura de professoras em condições perceptivas distintas, o texto aparece como imagem visível para as professoras que enxergam e como imagem tátil nos breves momentos em que Carlise traz sua experiência de produção em Braille; ou quando escreve nos fóruns sobre as características e qualidades da escritura em Braille em relação à escritura que passa a realizar no uso de programas que convertem texto em som.

“Para mim as imagens só existem através do toque. Se não as toco não as vejo. Muitas vezes criamos imagens em nossa mente que não são aquilo que imaginamos, pois às vezes nos baseamos na voz das pessoas e imaginamos como elas são.” (Carlise, 25/04/2006).

“Quando nós cegos lemos em Braille formamos uma imagem mental das letras. (...) A imagem tátil ainda é o melhor sistema que o Cego dispõe para o emprego correto de letras e palavras na língua escrita.” (Carlise 07/05/2006).

A imagem para aqueles que não vêem é uma imagem tátil sentida através do toque de pontos combinados na folha de papel sulfite, uma imagem que pode surgir na manipulação de reglete e punção, ou mesmo através

de máquinas de escrever Braille, experiências estas discutidas em profundidade por Weygand (2005) em sua tese de doutorado sobre o modo de viver dos Cegos.

O reconhecimento e a manipulação de imagens e de sons através de computadores com o uso do mouse ou de sensores inseridos em fitas/óculos é ainda pesquisa recente realizada por equipe multidisciplinar coordenada pela pesquisadora Eliana Sampaio (2008), um desafio para a pesquisa relativa à escritura de Cegos.

Os sistemas informáticos utilizados por Carlise – Jaws e Virtual Vision 5.0 – permitem o trabalho com textos, sua formatação e correção através do gesto de teclar/digitar letras, palavras, frases que serão lidas pelos programas.

Marc Arabyan considera que, na ausência deste impedimento da visão, podemos pensar sobre esta relação texto-imagem em que as imagens suscitam um emocionar: “a ‘leitura’ de uma imagem (...) supõe o colocar em relação simultânea todos os motivos identificáveis, sobre o plano espacial, tanto plasticamente como graficamente, nesta saturação de percepções que, como se verá, *suscita a emoção.*” (Arabyan, 2000, p. 16, tradução nossa).

A experiência de escritura nos computadores configura coordenações de coordenações de ações em que textos podem ser manipulados como imagem. Neste sentido, mais importante do que tomarmos as diferenciações entre os elementos em uma prática de escritura coletiva na internet, torna-se analisar como estes elementos se rearticulam quando, por exemplo, a criação de uma imagem entra na relação com uma música, ou uma música suscita e favorece uma ação de escritura.

Podemos destacar um momento significativo do percurso das professoras que nos ajuda a compreender estes deslocamentos na escritura. As professoras planejavam a produção do hiperdocumento e, durante um encontro presencial no dia 06/04/2005, Carlise sugere um título: “Já sei: Múltiplas Escrituras. Isto porque é assim que vamos fazer, serão múltiplas escritas juntas no computador”.

Carlise diz que trará a sua experiência com o sistema Braille e os modos de escrever dos Cegos. Angelisa diz que trará para o livro a LIBRAS e o modo de escrever dos Surdos. Sandra Bucholz sugere de que se inicie pela apresentação das autoras e de que seria importante produzirem suas homepages. Pergunta e comenta: “O que poderemos trazer para fazer nossas páginas? Acho que temos que aprender junto”. Elas iniciaram ainda nesta oficina a produção. Manoelisa colaborava com as colegas através de seus conhecimentos em Informática.

Claudenir perguntou sobre como é que as imagens e os textos podem ser melhor trabalhados, manifestou vontade de conhecer melhor o funcionamento dos computadores e dos programas. Foi quando elas abriram em uma homepage o código fonte, a linguagem html. O olhar foi de surpresa diante deste conhecimento do que está por detrás das criações em informática. Tomamos o cuidado de ler algumas linhas de códigos para Carlise, pois estávamos diante de uma máquina onde não contávamos com o Jaws ou com o Virtual Vision (programas que permitem que Carlise escute o que está na tela, isto é, que fazem a conversão do texto para voz, como já referido).

As colegas admiram-se diante da facilidade com que Carlise opera com o texto e com a navegação, pois ela se mostra ágil no processo de digitalizar e de usar os comandos para ler o que deseja na tela do computador.

Professoras em condições perceptivas diferenciadas se encontram em oficinas presenciais e em um ambiente virtual. Coordenam entre si condutas que nos permitem observar: a alegria no trabalho de manipulação e edição de diferentes elementos, o conhecimento dos modos diferentes de operar com a escritura quando alguém não enxerga e traços da Língua de Sinais nos escritos de uma colega Surda. A ausência de visão ou de audição faz surgir modos diferentes de interação com a escritura.

Carlise não recebe o mesmo conjunto de informações como aquelas que enxergam e, com isto, seus escritos são longos revelando uma preocupação maior com o conteúdo. Já as demais professoras centram suas ações em aspectos ligados à forma, destacando o emocionar, prazer e alegria, envolvidos na produção.

Marcuschi (2001, p. 85) afirma de que estamos criando um novo espaço de escrita “multilinearizado, multisequencial e indeterminado”, espaço que podemos observar em algumas das produções das professoras.

Angelisa traz seu modo de viver-conhecer. Escreve sobre a trajetória, apresenta a Língua de Sinais e outras construções que visam transformar a situação atual em que vivem os Surdos, na perspectiva de que sejam verdadeiramente acolhidos no social.

Observamos as formas de ação escriturais e as inscrições nas páginas feitas por uma professora surda que experimenta no seu cotidiano um modo de comunicação face a face, movimentos e expressões faciais/corporais que compõem a LS. A escrita alfabética surge quando interage em contextos como a escola, a universidade, ou quando precisa comunicar algo aos ouvintes, como podemos observar nestes excertos de sua home page:

“Oi! Sou Angelisa, nasceu prematura 7 meses Santa Rosa. Eu doença infecção precisar antibiótico para melhorar. Quando 8 meses pais perceber surdez. Eu começo comunicação pantomima (gestos inventados pela família) minha família eu tenho 1 ou 2,5 anos até 11 anos. Eu não conhecer a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). Eu tinha 12 anos aprender LIBRAS na escola surdos em 1987.” (Angelisa).

As professoras comentam na oficina para Angelisa que, mesmo quando escreve textos alfabéticos, ela torna visíveis as marcas da estrutura da Língua de Sinais. Angelisa insere em sua home page imagens no intuito de mostrar o trabalho de criação de um espaço gráfico para escritura de Surdos – o Signwriting – e algumas imagens ilustrativas – mãos, olhos e cachorrinhos. O movimento de mãos – imagens de mãos – e o olhar – imagens de olhos abertos – garantem a comunicação de Surdos na LS. Por outro lado, sabemos que a família de Angelisa acolhe e cuida de um número significativo de cachorros – imagens de cachorros – que estavam abandonados. Na escolha dos elementos é possível perceber modos de viver, necessidades, sensibilidades, como indica esta escrita inserida em fórum por Manoelisa:



Figura 1 – Home page de Angelisa Goebel: <http://www2.unijui.tche.br/~angelisa.goebel>

“Imagens, movimentos são muito mais que simples atos humanos para mim. É através de uma expressão facial, de um gesto manual que podemos passar uma gama de informações, nem sempre compreendido pelo receptor destas. Muitas vezes, ao silenciarmos estamos tentando transmitir algo.. Muitas vezes, um gesto traz consigo as marcas de uma vivência. Por eu ser uma pessoa bilingüe, ter a língua portuguesa e a língua de sinais aprendi a perceber os detalhes de uma fala.. a tentar descobrir o que aquele gesto quis realmente dizer.. Assim também podemos tentar no nosso dia-a-dia, perceber naquele outro, que está conosco, ver o que ele está tentando transmitir.

Os sujeitos surdos são pessoas muito sensíveis e têm fortemente marcada esta característica de ver coisas que nós, ouvintes, deixamos passar despercebido. O movimentar de imagens, o ato de escrever, uma foto, podem fazer aflorar em nós vários significados, mas acredito que depende da vivência que tivemos, ela sim possibilitará mostrar realmente o que somos.” (Manoelisa, 27/04/2006).

Manoelisa, como intérprete da LS, interage com uma língua viso-gestual e com uma escrita alfabética estruturada por nós usuários de Línguas Orais – LO. Aqui imagens e movimentos, assim como o silêncio, entram em jogo nos processos de comunicação e conhecimento. A dinamicidade se mostra como um dos aspectos principais de uma escrita na internet e é referida por Lévy quando convida para uma reflexão sobre a Língua de Sinais e coloca: “Estamos de tal modo habituados às gramáticas das línguas fonéticas que é difícil imaginar o que seria uma gramática espacial e cinemática. (...) Uma língua pode ser visual

e espacial em vez de sequencial e sonora.” (Lévy, 1998, p. 73-88)

Na Língua de Sinais, os recursos favorecem que as coordenações de coordenações de ações possam constituir e ser constituídas em imagens, signos não verbais, etc. Nesta língua viso-gestual o conhecimento dos sinais e movimentos, sem a necessidade e apoio de sons, é condição para que se produza a interação.

O simples fato de conseguir capturar, modificar e inserir imagens e sons em uma página se coloca como uma aprendizagem das mais significativas para as professoras. A experiência indica que o que está em curso são deslocamentos nas práticas de escritura que ocorrem na medida do engajamento das pessoas em uma experiência efetiva de produção.

Esta inserção no ciberespaço acontece de outro modo quando temos o percurso de uma professora Cega. Conforme já mencionamos, as tecnologias de que dispomos não permitem à Carlise manipular imagens e escolher a tonalidade das cores em sua home page, por isto precisa contar com o auxílio das colegas videntes. Esta professora indica as cores de sua preferência (tornou-se completamente cega aos 14 anos de idade), ela pede a ajuda de Manoelisa para inserir imagens que são importantes, como as imagens de sua formatura no curso de Licenciatura em História.

Carlise dedica-se a escrever para enriquecer os temas que indica nos links. Esta professora interfere nos fóruns e mesmo nas produções para o hiperdocumento com textos longos. A inexistência de tecnologias que permitam a edição de sons e de imagens pelos Cegos acaba por restringir ao texto a experiência direta de Carlise. Procuramos observar os deslocamentos que ocorrem em relação ao modo de escrever com reglete e punção, ou mesmo com a sua máquina de escrever mecânica Braille.

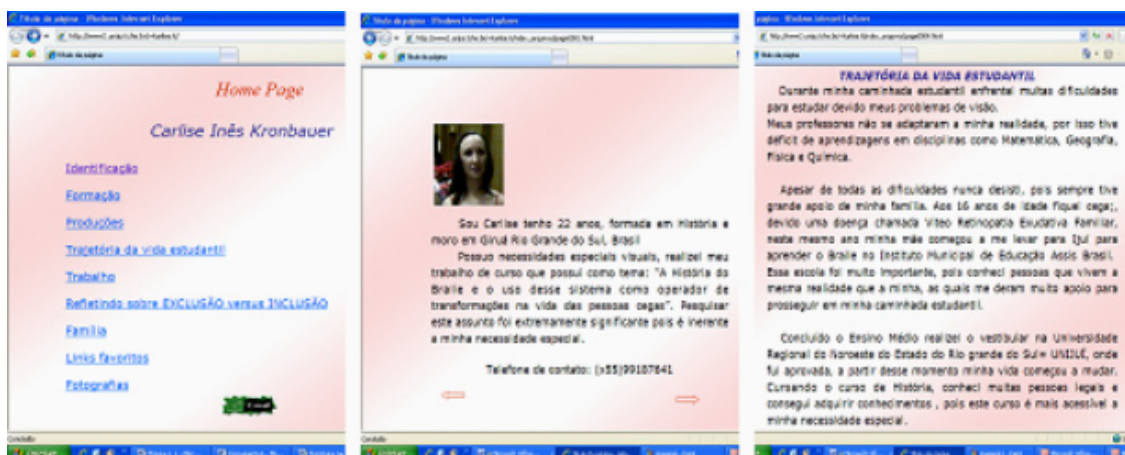


Figura 2 – Home page de Carlise Kronbauer: <http://www2.unijui.tche.br/~karlis.k>

Aos poucos, esta professora aprende a usar links em que fragmentos de textos, palavras se conectam com outros hipertextos, processo este que requer memorização de comandos e destreza no manuseio do teclado. Carlise surpreende todos com seu envolvimento nestas aprendizagens.

O hiperdocumento ou livro digital surge na tela em que um navegador-autor tece conversações coordenando coordenações condutuais em uma produção multimídia híbrida, complexa, não linear, uma produção que reúne aqui cinco professoras ouvintes e que enxergam com duas professoras, uma Cega e uma Surda.

Sandra B., Sandra D., Inês e Claudenir destacam a rapidez com que operam com imagens e textos em oficinas de edição de páginas. Já Carlise refere-se à presença do som na leitura dos textos mediante uso de programas como o Jaws e o Virtual Vision 5.0. que se tornam imprescindíveis para que possa ampliar seu acesso à escritura e leitura. Com Angelisa, o trabalho de edição contempla preferencialmente imagens e produções escritas sobre a Língua de Sinais.

Angelisa, para inserir-se em nosso mundo de ouvintes, interage com a impressão de escritos mediante estrutura de páginas constituídas por letras que se agrupam formando palavras, frases, parágrafos, textos; itens se organizam nos livros através de um sumário, disposição esta que propõe graficamente uma forma de escritura e de leitura que temos desde a invenção da imprensa com Gutenberg.

Criamos, para usar designação de Goody (1979), uma “razão gráfica”, uma forma de cognição. Esta se diferencia do modo como se comunicam os Surdos em LS. Entretanto, apenas quando convive com professoras ouvintes em uma prática de escritura nos computadores conectados à internet é que pode interagir, conversar e produzir algo com pessoas ouvintes e não proficientes em LS.

As tecnologias anteriores como os livros não permitiam esta comunicação. Diante dos computadores em chats ou fóruns, as diferenças perceptivas não impedem a conversação, pois é possível enviar mensagens e recebe-las. Carlise recebe os escritos através do som e Angelisa através da imagem de uma escrita composta em um sistema alfabético que, para os Surdos, é uma segunda língua.

A experiência indica que a presença de imagens, sons, outras línguas e sistemas produzem um movimento, emoções de prazer que, segundo Simondon (1999) implica em uma “fruição estética” nas práticas de escritura.

As imagens aparecem na escritura na internet de várias formas: ora ilustra uma idéia expressa em texto, o que indica uma função de complementariedade ao texto, ora surge como elemento capaz de capturar a

atenção do leitor suscitando uma interação sem mesmo prescindir do texto.

As professoras indicam que as imagens podem favorecer práticas de escritura. As imagens podem ainda ser inferiores ao texto quando apenas o complementam. Neste caso podem ser redundantes, como em algumas ilustrações em livros. Entretanto, em uma escritura imagens e textos podem ter a mesma importância estando uma mídia integrada à outra. (Santaella e Winfried, 1998, p. 54).

A tecnologia informática provoca deslocamentos nos modos de escritura para além da dinamicidade nas operações em jogo quando interconectamos com múltiplos hipertextos. A experiência das professoras indica que podemos interconectar textos, imagens, sons e outras redes de escritas e línguas em uma mesma escritura. As mudanças são mais profundas e se referem a uma nova circunstância em que uma convergência de mídias favorece, potencializa o encontro e a produção escrita entre professoras que antes habitavam mundos distintos e não se viam em condições de fazer algo juntas devido às suas distintas condições de percepção.

A força e presença de imagens e de sons na escritura acoplada às tecnologias informáticas é ponto destacado nas redes de conversações em fóruns:

“Estou curiosa em aprender a trabalhar com imagens em movimento, pois estamos montando um power point de fotos tiradas no decorrer do ano letivo, para apresentar no telão do Centro Cívico na Ciranda do Natal, este ano será simples, apenas a mensagem e as fotos, que ficaram bem legais, mas ano que vem com certeza vai ter imagens com movimento.” (Claudenir, 23/11/2005).

“O que vejo também como muito importante é a possibilidade de dizer as coisas (idéias, emoções, sonhos,...) através de imagens estáticas e de imagens em movimento, ícones, sons... Nem sempre a palavra, o verbo nos ajuda a expressar algo muito forte, que está em nossas entranhas, nossa vontade de gritar, de chorar, de sorrir,..., de fazer emocionar. Um bonequinho pulando e sorrindo, quando nos chega faz bem. Aliás, vou enviar uma mensagem assim pra vocês.” (Inês, 04/11/2005).

“É rico podermos trabalhar com mais tipos de linguagem. As imagens nos dizem coisas, representações, características culturais e detalhes que ali aparecem e que podem ser lidos pelo observador e ficam marcadas na nossa mente.” (Sandra B., 27/04/2006).

Nesta experiência o que ocorre são deslocamentos e transformações em que diferentes lógicas confrontam-se. Por exemplo, as professoras que enxergam observam

e procuram utilizar o programa Virtual Vision 5.0 que Carlise utiliza para escrever durante as oficinas. Claudenir e Sandra B. chegam até mesmo a fechar os olhos na tentativa de escrever e manipular suas escritas através dos recursos deste programa.

Neste momento, destacam as exigências de conhecer os comandos, de memorizá-los para que seja possível ouvir a leitura do escrito. Perguntam à Carlise como ela faz para acompanhar e saber o que surge na tela dos computadores, ao que Carlise responde: “eu escuto e é como se surgisse uma imagem mental das letras, uso a audição para escrever, assim como usei para tirar aquelas fotos” (referindo-se a um momento em que tirou fotos pela primeira vez desde que ficou cega). Ao mesmo tempo, quando observam as homepages umas das outras, se deparam com as marcas da lógica da LS na produção de Angelisa e passam a conhecer e a reconhecer este modo de comunicação.

Diante da rede, as professoras se vêem perturbadas com tantas possibilidades de uma conexão que passam a conhecer. Angelisa, por sua vez, experimenta pela primeira vez um processo de escritura coletiva com professoras ouvintes, já que sua convivência se dá de modo preponderante com colegas das comunidades de Surdos. Coloca em chats com recorrência a questão: “Carlise, você entender o que eu escrever?” Manifesta esta professora nas redes de conversações escritas que tem dúvidas sobre se será mesmo possível comunicar e escrever de modo coletivo com uma colega Cega e com ouvintes.

No decorrer da produção, quando todas se engajam na tradução, filmagem e edição de histórias infantis em LS, se apercebem de que é mesmo possível estarem juntas e construir escrituras. Algumas vezes precisavam estar em silêncio, circunstância perturbadora para Carlise que precisava do som para participar da experiência. Em outra circunstância, as colegas observavam Carlise compor a mesma história em Braille e, neste caso, só podiam admirar e querer aprender.

A experiência de escritura que coloca em relação professoras – ouvintes/Surda, Cega/que enxergam faz surgir uma nova ética, um modo de existência entre professoras que manifestam nas escrituras um emocionar em que passam a reconhecer o outro como legítimo em um modo de viver e de escrever antes desconhecido.

Nesta produção, ocorrem mudanças nos modos de hipertextuar na internet. Parente esclarece que: “Em ciência da informação, o hipertexto é, antes de mais nada, um complexo sistema de estruturação e recuperação da informação de forma multisensorial, dinâmica e interativa” (Parente, 1999, p.75). A multisensorialidade surge na escritura com professoras

em condições perceptivas diferentes não apenas porque lidam com elementos sonoros, imagens e textos, mas porque as suas condições perceptivas configuram modos de escrever em que uma capacidade perceptiva entra em cena, outra não.

A professora Cega, Carlise, destaca-se em seu potencial de memorizar comandos. Podemos observar que, ao utilizar o Virtual Vision ou o Jaws para escrever, ela chega mesmo a mecanizar alguns movimentos necessários para rapidamente identificar erros na escrita e a forma de corrigi-los, como quando trabalha com textos na invenção de sua home page.

As professoras que enxergam observam como Carlise captura imagens e podem ler suas escritas quando refere à experiência do fotografar: “As imagens só surgem para mim se eu as toco, se eu não as toco, não as vejo”. Descobrem que a colega cega precisa tocar e escutar suas vozes para capturar imagens que apenas elas podem ver.

Diferente de Carlise, as demais professoras podem enxergar e manipular imagens, então elas escolhem e priorizam o trabalho com fotografias, pois assim tornam visíveis momentos “preciosos” da vida familiar e profissional.

Os acoplamentos possíveis em processos de escritura até o advento das tecnologias informáticas não favoreciam da mesma forma a convivência e produção entre professoras com condições perceptivas diferenciadas. Aqui destacamos uma mudança fundamental que certamente provocará efeitos no social e que se refere às possibilidades de escritura suportadas por tecnologias digitais.

Podemos hoje escrever coletivamente com pessoas cegas e surdas, mesmo que não tenhamos conhecimento da beleza da Língua de Sinais ou mesmo do sistema Braille. Podemos estar acoplados a dispositivos tecnológicos que garantem as condições para a tessitura de redes de conversações escritas.

CONCLUSÕES

Diante dos computadores conectados à internet torna-se possível operar de outros modos com aspectos não verbais do texto; ou ainda, tratar o texto como imagem em sua dinamicidade. Ao mesmo tempo, o texto, sendo visível e legível, favorece a intercomunicação, a conversação escrita e a produção entre professoras ouvintes e uma professora Surda.

As imagens, os sons, a Língua de Sinais ganham espaço na escritura digital na relação com o texto escrito no sistema alfabético e interferem como uma nova estética do escrever, do conversar...; uma nova estética que implica no respeito a si mesmo e ao outro em seus diferentes modos de linguajar, como por

exemplo, quando imagens surgem em fotografias de uma professora cega através de ações em que solicita que as colegas falem para que possa localizá-las.

Os sons permitem a interação e produção coletiva entre as professoras que enxergam e com Carlise que é Cega. Imagens e sons se mostram como modos de linguajar que permitem às professoras experimentarem e atualizarem emoções na rede de conversação escrita. Tão importante como as idéias postas no hiperdocumento que produzem, a manipulação e edição de imagens e de sons permitem um prazer e uma experiência estética que favorecem a implicação em atos de escritura.

Uma escritura é um modo de linguajar e atualmente se rearticula em virtualidades outras possíveis na composição. Como experiência cognitiva, a escritura digital pode se dar de modo a tecermos redes e interconexões em nossa mente, nas telas dos computadores, pois linguajando, como bem nos explica Maturana (2001), criam-se as redes de conversações nas quais sustentamos o viver como humanos. Podemos surpreender-nos com criações que remetem diretamente a modos diferentes de estarmos na linguagem.

A partir do advento das tecnologias informáticas, os mais diferentes modos de linguajar podem ser fixados e disponibilizados em arquivos, não apenas o texto escrito, mas depoimentos, conversações orais, conversações em LS. Enquanto que a introdução da escrita em comunidades orais inaugurava a possibilidade de produzir, fixar, ler e arquivar histórias, idéias, para serem retomadas em outro momento...; enquanto a escrita, ao surgir, marca a possibilidade de preservarmos a produção de alguém mesmo depois de sua morte – a relação entre escritura e morte -; com as tecnologias informáticas, estas possibilidades se estendem para outros linguajares. Podemos produzir, editar e preservar todos os modos de escritura e de comunicação, não apenas aqueles estruturados no sistema alfabético.

Estamos de acordo de que a escritura é uma tecnologia do intelecto (Goody, 1969) ou uma tecnologia da inteligência (Lévy, 1998) e de que o modo de composição escrita interfere na configuração de processos cognitivos, afetivos e sociais.

A escritura em contexto informatizado propõe uma rearticulação de modos diferentes de linguajar em que as professoras operam com as funcionalidades de programas e suportes; investem no trabalho de edição de textos, imagens e sons; transformando-se em *editoras* do próprio trabalho a ser publicado na Internet.

Nesta rearticulação de linguagens nas práticas de escritura, ao mudarem as coordenadas de ações, outros mundos e experiências antes não vividas se tornam possíveis e se transformam nos mundos que inventamos no ciberespaço.

REFERÊNCIAS

- Anis, J., & Zara, A. (2005). L'ordinateur support textuel? Le texte informatique comme processus. In Arabyan, M., & Klock-Fontanille, I. *L'écriture entre support et surface* (pp. 71-85). Paris: Ed. L'Harmattan.
- Arabyan, M. (2000). *Lire l'image: émission, réception, interprétation des messages visuels*. Paris: Ed. L'Harmattan.
- Chartier, R. (1998). *A aventura do livro: do leitor ao navegador*. São Paulo: Ed. UNESP.
- Demoly, K., & Maraschin, C. (2007) *Technologie, écriture et différence*. In 6^o Colloque International du Chapitre Français l'ISKO (pp. 117-134). Toulouse: Ed. Lerass-Mics.
- Derrida, J. (1973). *Gramatologia*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Derrida, J. (2001). *Papier Machine*. Paris: Ed. Galilée.
- Ducrot, O., & Todorov, T. (2001). *Dicionário enciclopédico as ciências da linguagem*. São Paulo: Ed. Perspectiva.
- Fraenkel, B. (2007). *Actes d'écriture: Quand écrire c'est faire*. Paris: Ed. Maison des Sciences de l'homme.
- Freedom scientific. (2008). *Jaws*. [online]. Disponível em: <http://www.freedomsscientific.com>.
- Garcia, B. (2005). Une dimension de trop pour l'écriture? Questions posé à la surface pour la formalisation graphique de langue des signes. In Arabyan, M., & Klock-Fontanille, I. *L'écriture entre support et surface* (pp. 167-180). Paris: L'Harmattan.
- Goody, J. (1979). *La raison graphique: la domestication de la pensée sauvage*. Paris: Les Éditions de Minuit.
- Goody, J. (2007). *Pouvoirs et savoirs de l'écrit*. Paris: Editions La Dispute.
- Leroi-Gourhan, A. (1964,1963). *Le geste et la parole*. Paris: Ed. Albin Michel.
- Lévy, P. (1998) *A ideografia dinâmica: rumo à imaginação artificial?* São Paulo: Ed. Loyola.
- Maraschin, C. (1995). *O escrever na escola: da alfabetização ao letramento*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Marcuschi, L. A. (2001). *O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula*. In *Linguagem & Ensino*, Pelotas: EDUCAT, 4, 1, 79-111.
- Maturana, H. (2001). *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Minas Gerais: Ed. UFMG.
- Micro Power. (2004). *Virtual vision* [Online] Disponível em: <http://www.micropower.com.br/>
- Mottez, B. (2006). *Les sourds existent-ils? Textes réunis et présentés par Andrea Benvenuto*. Paris: Ed. L'Harmattan.
- Nied. (2005). *Teleduc*. [Online] Disponível em: <http://teleduc.nied.unicamp.br/pagina/>
- Parente, A. (1999). *O hipertextual*. *Revista FAMECOS*, UFRGS, 10, 74-85.
- Petrucchi, A. (1993). *Jeu de lettres*. Formes et usages de l'inscription en Italie, XVIème-XXème siècles. Paris: Ed. EHESS.
- Sampaio, E. (2008). *Chaire Handicap, travail et société Laboratoire Brigitte Frybourg*. [Online] Disponível em: <http://www.cnam.fr/handicap/equipe/membres.html>
- Santaella, L., & Winfried, N. (1998). *Imagem: cognição, semiótica, mídia*. São Paulo: Ed. Iluminuras.
- Saussure, F. (1980). *Curso de linguística geral*. São Paulo: Cultrix.
- Simondon, G. (1989). *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier Philosophie.

- Simondon, G. (1999). *Sobre a tecno-estética*: carta a Jacques Derrida. In Araújo H. R. *Tecnociência e Cultura: ensaios sobre o tempo presente*. São Paulo: Estação Liberdade.
- Varela, F. (2000). *El fenómeno de la vida*. Santiago de Chile, Dolmen Ediciones.
- Weygand, Z. (2005). *Vivre sans voir: les aveugles dans la société française, du Moyen Age au siècle de Louis Braille*. Paris: Editions Creaphis.

Recebido em: 27/04/08. Aceito em: 19/06/08.

Notas:

¹ Optamos por apresentar no artigo as páginas integrais das professoras que incluem seus nomes e imagens, por envolver uma escritura compreendida como exercício de autoria. Esse modo de designação foi autorizado e escolhido pelas autoras.

² Seguindo na trilha de Bernard Mottez (2006), sociólogo a quem muito devemos os avanços nos estudos sobre diferenças perceptivas, modos de viver e de conhecer, utilizamos Surdo e Cego em maiúscula para nos referir à circunstância do viver de pessoas em relação às redes sociais que se tecem no convívio com as diferenças.

Autores:

Karla Rosane do Amaral Demoly – Doutora em Informática na Educação (UFRGS) com Doutorado Sandwich na École des Hautes Études en Sciences

Sociales (EHESS) com apoio da CAPES. Professora do Departamento de Ciências Sociais e Agrotecnologia da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA).

Cleci Maraschin – Doutora em Educação (UFRGS). Professora do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional e do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação.

Margarete Axt – Doutora em Linguística e Letras (PUCRS). Professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e do Programa de Pós-Graduação em Informática na Educação.

Endereços para correspondência:

Karla Rosane do Amaral Demoly
BR 110 Km 47 – Bairro Presidente Costa e Silva
CEP 59625-900, Mossoró, RN, Brasil
E-mail: karla.demoly@ufersa.edu.br

Cleci Maraschin
Rua Ramiro Barcelos, 2600 sala 201d
CEP 90035-003, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: clecimar@orion.ufrgs.br

Margarete Axt
Avenida Paulo da Gama, 110 – prédio 12105, 3º andar sala 332
CEP 90040-060, Porto Alegre, RS, Brasil
E-mail: maaxt@vortex.ufrgs.br